

Os meios de graça

O Eterno concebeu e realizou um amplo e maravilhoso plano de salvação para levar de volta para casa a criatura que havia se rebelado. O Pai cumpriu esse plano por meio do Filho e aplicou a justiça de Cristo a nós na pessoa do Espírito Santo. Dessa forma, fomos convencidos de nosso estado de separação do Pai (arrependimento), recebemos a fé que nos possibilitou a crer na obra de Jesus (regeneração), fomos perdoados por todos os nossos pecados (justificação) e fomos salvos em Cristo (adoção). Assim, passamos a ser parte da comunidade dos discípulos de Cristo, a igreja, o corpo de Cristo.

Já vimos que os Reformadores consideravam que uma igreja genuinamente cristã é uma igreja que é marcada pela correta pregação da Palavra, correta ministração dos sacramentos e da disciplina caridosa. João Calvino considerava que os sinais da igreja verdadeiramente cristã se resumiam a dois: correta ministração das Escrituras e correta ministração dos Sacramentos. A questão é que para os Reformadores “não é a qualidade de seus membros, mas sim a presença dos meios oficiais de graça, que constitui a verdadeira igreja”.¹ Mas afinal, o que são meios de graça? Qual sua importância para a nossa vida? Como devemos utilizar os meios de graça?

A expressão “meios de graça” não é propriamente encontrada nas Escrituras, mas o Catecismo Maior se refere aos “meios exteriores pelos quais Cristo comunica os benefícios de sua salvação” (Resposta 153). Logo, os meios de graça são canais pelos quais o Eterno nos santifica, nos conduz a uma profunda transformação de caráter e a um real crescimento na piedade.² Portanto, os meios de graça conforme a tradição reformada são “os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo comunica à sua Igreja os benefícios de sua mediação, são todas as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os Sacramentos e a Oração” (Resposta 154).

Charles Hodge destaca que “por meio de graça não significa qualquer instrumento o qual Deus pode usar para a edificação espiritual de seus filhos. A expressão pretende indicar aquelas instituições as quais Deus ordenou para serem canais ordinários de graça, isto é, da influência sobrenatural do Espírito Santo sobre as almas dos homens. Os meios de graça, conforme os padrões da igreja, são a Palavra, os Sacramentos e a oração”.³

Isto significa que embora o Senhor possa se utilizar de praticamente tudo para nos santificar, incluindo o sofrimento, a espera, os reveses da vida, os relacionamentos e até mesmo o pecado, foi do conselho do Eterno dispôr de meios para que nós pudéssemos nos engajar ativamente no processo de santificação cooperando com a obra santificadora do Espírito Santo em nós. Quanto a este ponto, é importante lembrar que muito embora o Espírito Santo seja o principal agente de nossa santificação, “o crente é exortado a trabalhar e a crescer nas questões que dizem respeito a salvação”.⁴

A salvação não é a linha de chegada da nova vida do cristão, mas seu ponto de partida, como destaca Costa.⁵ Hoekema define a “santificação como a graciosa operação do Espírito Santo, que envolve nossa participação responsável, pela qual ele nos livra da poluição do pecado, renova nossa natureza inteira segundo a imagem de Deus, e habilita-nos a viver de forma a agradá-lo”.⁶ Dessa maneira, é importante compreendermos que é a vontade de Deus que todo aquele que nasceu de novo em Cristo possa crescer na graça de Cristo e alcançar maturidade até nos parecermos mais e mais com o próprio Cristo (Efésios 4.13). Logo, os meios de graça são meios de crescimento e amadurecimento espiritual que o Senhor dispôs para nós. Apenas o Espírito Santo pode nos santificar, mas quando nos apossamos dos meios de graça que o Eterno nos deu estamos cooperando ativamente nessa obra santificadora.

Tradicionalmente a igreja ao longo da história enfatizou a Palavra, os Sacramentos e a Oração como meios de graça mas podemos adicionar a esta lista uma série de práticas que envolvem jejum, solitude, silêncio, confissão, comunhão e outras conhecidas como disciplinas espirituais.

Palavra, Oração e Comunidade

Palavra, Oração, Sacramentos e Comunidade. Estes são os grandes meios de graça de Deus para o cristão. É necessário dizer com segurança absoluta: a meditação nas Sagradas Escrituras, a oração e o engajamento na vida comunitária da igreja são a respiração da vida cristã. Sem essas realidades não há crescimento espiritual e a vida com Cristo

¹ MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.551

² COSTA, Hermisten Maia Pereira. A Palavra e a oração como meios de graça – *in Fides Reformata*, 5/2, 2000, p.1

³ HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997, p.466

⁴ ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.421,422

⁵ COSTA, Hermisten Maia Pereira. A Palavra e a oração como meios de graça – *in Fides Reformata*, 5/2, 2000, p.1

⁶ HOEKEMA, Anthony A. *Salvos pela graça*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, Capítulo 12 – “Santificação”, p.368

desmorona para a inanição. A comunhão cristã geralmente se dá em dias específicos de adoração conjunta com outros cristãos, mas a meditação e a oração devem ser parte de nossa vida diária por meio do tempo devocional diário.⁷

Para termos uma vida devocional frutífera é necessário definir quando, o que e onde. Quando será o momento devocional (hora do dia), o que será feito nessa hora (meditação, oração, cânticos, silêncio, jejum, confissão) e onde (um local adequado as disciplinas que serão feitas).

Quando? Dietrich Bonhoeffer afirma que o melhor horário para o nosso devocional diário é pela manhã,⁸ mas isso depende do contexto e do relógio biológico de cada um. Todavia, é necessário haver vigor físico e intelectual para se desfrutar ao máximo do momento devocional.

O que? Pode se experimentar disciplinas mais avançadas e profundas, como o jejum, o silêncio e a lectio divina. No entanto, o básico da vida devocional é a meditação das Escrituras e a oração. A meditação nas Escrituras é a base fundamental sobre a qual se constrói toda a vida cristã, pois é por meio da Palavra que o Espírito Santo comunica a graça do Evangelho, nossa identidade como filhos de Deus, nossos deveres como discípulos de Cristo e o poder do próprio Consolador ao nosso coração. É também a palavra que nos ensina a orar, nos ensina como viverem comunidade e como receber os Sacramentos. Logo, as Escrituras são a base de toda a vida cristã.

Meditação é mais do que leitura, mas é colocar sua vida em contato com a vontade de Deus, ciente de que as implicações serão transformação de caráter e obediência prática. Meditar é mais que folhear a Bíblia procurando textos bonitos e inspirativos, é colocar-se diante do Pai para ouvir sua direção. Sem disposição para relacionar-se com o Pai e para se submeter ao senhorio de Cristo, a Meditação torna-se apenas um momento literário, hora de leitura e não de transformação profunda no poder do Espírito. É importante notar que o método da meditação deve estar em harmonia com o nível de conhecimento bíblico do cristão bem como o momento de sua espiritualidade.

Após o período de meditação vem o momento da oração. A oração é uma resposta pessoal, ativa e consciente a Palavra de Deus. Peterson enfatiza a oração como resposta ao nos lembrar que “a oração nunca é a primeira palavra, é sempre a segunda. Deus diz a primeira. A oração é a réplica, não o ‘primeiro discurso’ e sim a réplica”.⁹ Aprendemos a orar com as próprias Escrituras, a escola de oração dos salmos como afirma Peterson.¹⁰ Ali, encontramos caminhos de oração que foram abertos por homens de Deus e seguidos pelos nossos pais na fé. Aprendemos a orar na alegria, na angústia, no medo e quando estamos irados por que descobrimos que os salmistas eram homens como nós e colocaram seus sentimentos mais contraditórios diante de Deus em oração, até mesmo seus pecados.

O processo de aprendermos a orar é composto de compreendermos a importância da motivação correta – me relacionar com o Deus Trino que se revela a mim em Jesus – e aprender a entalhar o conteúdo da oração – utilizando os salmos¹¹ e desenvolvendo minha maneira de falar com Deus. De forma introdutória, o acróstico sugerido por Hybels pode ajudar. O acróstico ACAS é formado das iniciais da sequência adoração, confissão, agradecimento e súplica,¹² as quais eu aconselharia adicionar um “I” de intercessão separando as súplicas individuais das súplicas por pessoas e outros motivos.

A adoração comunitária amarra nossa devoção particular com o aspecto relacional da nossa fé, de maneira a manter unidas as juntas e medulas de nossa espiritualidade que se conecta a Deus e que se conecta ao outro. Peterson chama a adoração comunitária de grande fundamento da vida cristã e de fato ela é essencial para nosso crescimento em Jesus.¹³

Disciplinas Espirituais

O crescimento do discípulo de Cristo está profundamente atrelado a maneira como o mesmo separa tempo qualitativo para se relacionar com o Deus Trino utilizando os meios de graça. Como destaca Bonhoeffer, “isso não tem nada a ver com legalismo, isso é disciplina e fidelidade”.¹⁴

Plantinga nos lembre que “assim como nos esportes e na música, a disciplina espiritual tem uma razão. Qualquer um pode tocar um instrumento, mas somente a pessoa disciplinada pode fazê-lo com liberdade. Disciplina é a base e a pressuposição tanto da liberdade quanto do poder”.¹⁵ Logo, “uma pessoa espiritualmente sã disciplina sua vida através de exercícios espirituais como oração, jejum, confissão, adoração e caminhadas refletivas”.¹⁶

⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.62,67

⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.31

⁹ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. São Paulo: Textus, 2000, p.43

¹⁰ PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p.97,98

¹¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.32

¹² HYBELS, Bill. *Ocupado demais para deixar de orar*. São Paulo: Hagnos, 2009, p.85

¹³ PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p.101

¹⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão* – 3. Ed. Rev. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p.67

¹⁵ PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.48

¹⁶ PLANTINGA, Cornelius. *Não era para ser assim*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998, p.48